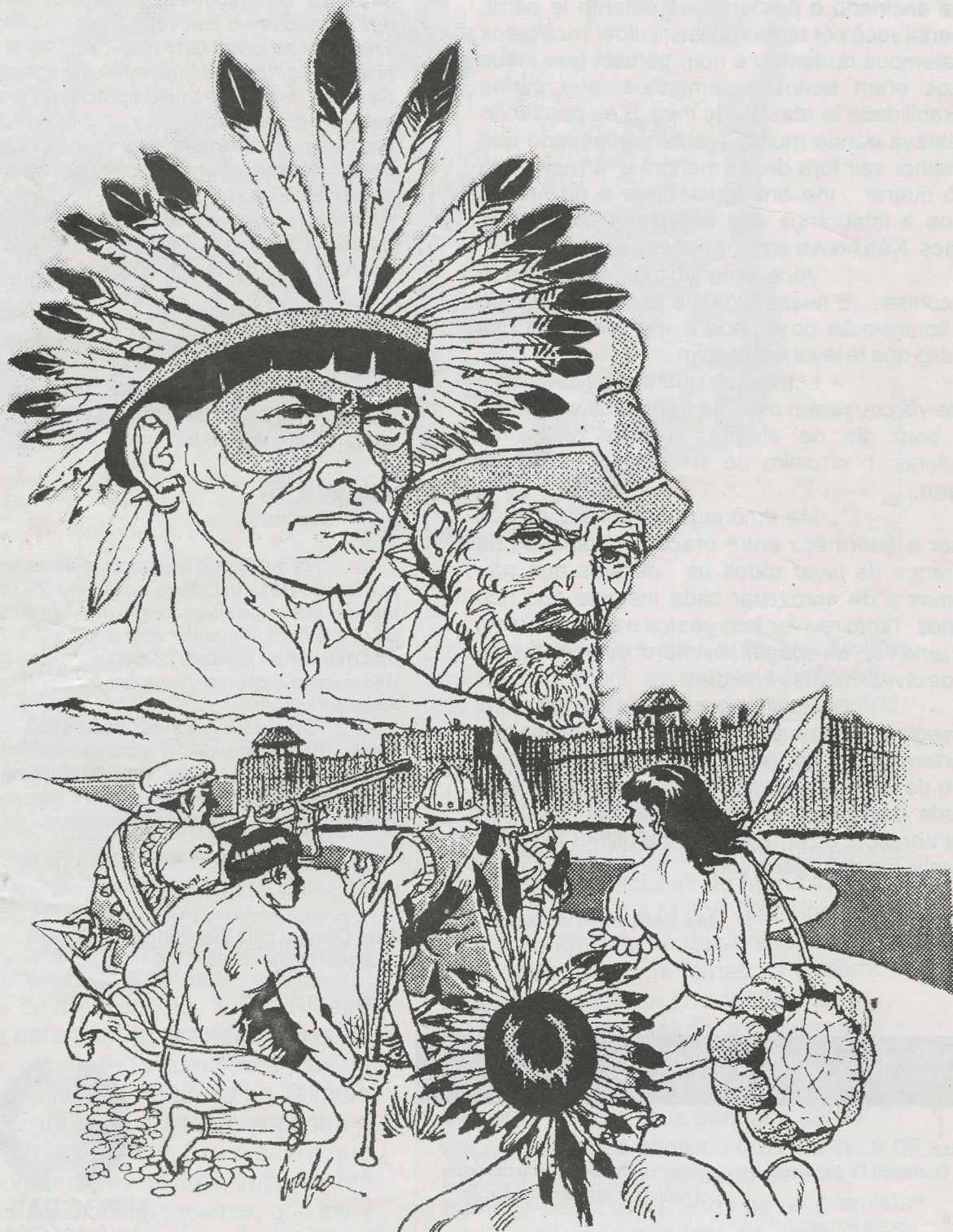


O Potiguar

Ano 1 Nº 04

Março /98



A epopéia da colonização

Adeus ao Kiwi

Hoje me peguei olhando o infinito e percebi que estava pensando em você. Senti saudades... E senti raiva do mundo por não ter me ensinado à perder e, no entanto te perdi. Condenei você por tantas coisas; culpei você pelos contratempos do tempo e nem percebi que meus defeitos eram tantos e tamanhos, que minha vulnerabilidade te afastou de mim. E eu pensando que estava dando muito, acabei percebendo que era melhor sair fora dessa mentira e, arrependida de só querer, me entreguei livre e de braços abertos à lembrança das pequenas coisas que vivemos. Não houve erros, apenas desencontros.

Você tentando fugir, eu querendo te encontrar... E nessa fuga me percebo entrando pela contra-mão do mundo e me perdendo nas estradas que te levaram de mim.

Lembro de quantos beija-flores e ben-te-vis pousaram à nossa frente nos saudando num bom dia de alegria. Nossas rosas, as borboletas, o cruzeiro do sul, o kiwi, o bar do Roberto...

Me embriago na poesia viva do teu ser e adormeço entre braços imaginários na esperança de viver todos os desejos que não sentimos e de aproveitar cada instante que não vivemos. *Tento reviver teus gestos e sinto vontade, mais uma vez, de apagar teu choro; de acender teu riso; de dividir minhas energias...*

Eu tinha um mundo só meu, mas te asseguro que meus medos e a insegurança que tomaram conta de mim, diante tua presença, cairão de joelhos num afã de ternura e, com toda vontade de querer, quero acolher teu todo em meus abraços, dizer te amo e, na última tentativa de existir, me entregar à você.

Ana Lúcia Silva de Souza

Cartas

Salvador, segunda-feira, 9 de março de 1998

Ilmo Sr.
João Gothardo D. Emerenciano
Av. Prudente de Moraes, 625 Tirol
CEP 509010-400 Natal - RN

Prezado Sr.,

Acuso o recebimento dos exemplares do jornal "O POTIGUAR"; exemplar nº 12 de O GALO e o livro de Lucas da Costa "Disfarçados", agradeço de coração, ao tempo em que parabeno-o pelos resultados alcançados. Encontrei no jornal farto material cultural de grande valor histórico cultural, de que muito me agrada conhecer. Sou filho de Natal e muito aprecio, as realizações literárias e culturais nordestinas.

Em outra oportunidade, lhes encaminharei, poesias de poetas riograndenses do norte, que se julgar conveniente, sejam publicadas.

Aproveito a oportunidade e em atenção a sua imensa gentileza lhe envio CORAÇÃO RIMADO de Maria de Lourdes Cid, minha mãe, publicado em 1982.

Atenciosamente

Walter Luiz Cid do Nascimento.

Rua Fortunato B. Saback, 88 - Macaúbas
40300 - 710 Salvador Bahia
cid@magiclink.com.br

Natal, 12/03/98
Gothardo

Há muito que era para lhe escrever, agradecendo a publicação de uma crônica nossa, no POTIGUAR nº 1. E mandar outra contribuição que nos foi solicitada. Pensei até na última hora, a mandar este poema "Rio Potengi". Mas, não deu tempo para o nº 2 e apresso-me a mandar agora, não apenas o poema, como um conto. "Doce Pressentimento".

Sem mais, resta-nos parabenizá-lo pela beleza de jornal, que surpreendeu a cidade se bem ainda falta trabalhá-lo mais na mídia. Mas, "O Potiguar" é publicação muito agradável, bonita, bem feita e vem repercutindo da melhor maneira nos nossos meios culturais. Prossiga.

Abraço.
Afranio Pires Lemos

Rua Cônego Luiz Wanderley - 1300
- Lagoa Nova - Natal - RN

EXPEDIENTE

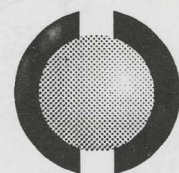
Diretor..... Revisão.....
João Gothardo D. Emerenciano -João Gothardo D. Emerenciano
-Giuliano Emerenciano Ginani

Editor..... Impressão.....
Moura Neto -Gráfica Nordeste.

Programação Visual.....
-Arandi Sales
-Fellini Publicidade



Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol
Natal/RN - CEP: 59 020 - 400



HIPÓCRATES
COLÉGIO E CURSO

1999 - Ano do Quatrocentenário da
Cidade do Natal

Rua Jundiá, 421 - Tirol - Tel.: (084) 222-4367
Natal - Rio Grande do Norte

Ribeira, terás de volta a alma que perdestes

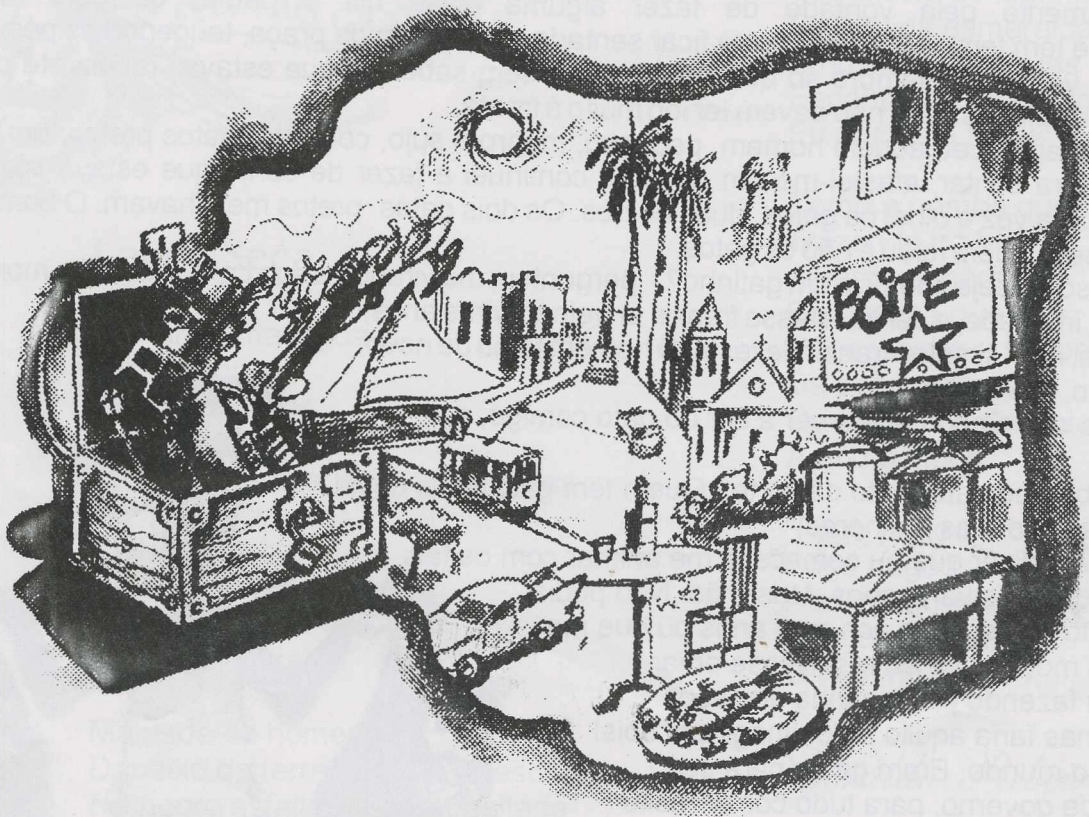


Ilustração: Tarcísio Motta

Lembrar a Ribeira é abrir um velho baú de recordações. Reviver um passado não muito distante, mas que nos parece remoto. Ressuscitar pessoas que nos trazem saudades, formadoras da paisagem humana daquele pedaço, quer pela temporalidade de sua frequência, quer pela efetividade de suas ocupações e misteres.

Á época de nossa mocidade e adolescência política - e lá se vai mais de meio século - foi na Ribeira onde aprendemos grandes lições de vida, convivendo com lideranças de diversas origens, *habitués* da Tavares de Lyra, ponto de encontro e referência. Era o bairro que concentrava os mais importantes agentes financeiros, oficiais e privados, nossa *Wall Street* tupiniquim, além de empresas multinacionais e o comércio de maior pujança e prestígio. Ribeira do Cova da Onça, do Carneirinho de Ouro, do Grande Hotel, do Teatro Carlos Gomes, das livrarias de Luiz Romão

e João Rodrigues, da Confeitaria Delícia, pouso obrigatório de poetas e boêmios; da feijoada de Costinha no hotel Central, da macarronada de Fulco, das barbearias de Chico e Seu Antônio, onde pontificava a tesoura de Agenor; do Wonder Bar, refúgio de amores clandestinos e cenário de brigas sem fim; e também das figuras populares e folclóricas de Maria Mula Manca, Zé Areia e Milton Siqueira, vendedor ambulante de versos feitos na hora, rabiscados em folhas de caderno. Ribeira cansada de guerra! Território privativo de canguleiros, transformado em espaço livre e democrático, aberto a todas as tendências, matizes e sabores. Vetusta Ribeira! Teus gemidos serão escutados, mais cedo ou mais tarde, e na medida da sensibilidade de nossos homens públicos haverás de reconquistar os dias de apogeu e fastígio, para alegria dos saudosistas e dádiva para os seus sucessores. Terás de volta a alma que perdestes e deixarás de ser uma simples e desbotada fotografia na parede.

Moacyr Duarte

O Vendedor de Gatos Pretos

Estava numa manhã qualquer, num banco qualquer da Praça João Maria, esperando não sei se por alguém ou simplesmente pela vontade de fazer alguma coisa útil à pátria, ou pelo menos, a mim. Não sou dos que têm tempo de sobra, para ficar sentado num banco de praça, tangendo os pés, e dando conta de quem vai e vem. Mas, lembro só que estava ali, e sem saber porque estava. Talvez até pensasse nalguma coisa e fizesse planos. Que não devem ter ido muito à frente.

Foi quando me apareceu aquele homem, pequeno, magro e sujo, com dois gatos pretos, um em cada mão. Pedi licença para sentar, afastei-me um pouco e continuei a fazer de conta que estava só. Olhei o homem, parece que uma vez e olhei os gatos, duas ou três. Os dois gatos pretos me olhavam. O homem, não. Mas, foi, afinal, o homem quem falou e não os gatos.

-O sr., por acaso, deseja comprar um gatinho? - perguntou, me virando a sua cara, murcha e morena.

Franzi a testa, intrigado, e sei que nesse franzir, envelheci vinte anos.

Há uma velhice súbita, num simples franzir de testa. O homem falou de novo:

-Um o gatinho. E é preto!

-Perguntei-lhe que diabo tinha a ver a cor do gato comigo, e ele me explicou:

-O sr. não sabe que gato preto dá sorte? Quem tem gato preto custa a morrer e é bem feliz com as mulheres.

Vocês poderiam dizer que eu comecei a me animar com os tais bichanos, por causa dessas vantagens. Mas, não. Não podia acreditar que um gato me levasse aos cem anos ou que me desse sorte com as moças que eu resolvesse amar. O homem continuou fazendo propaganda dos seus gatos. Um gato apenas faria aquilo tudo, imaginem dois! Na certa, salvariam o mundo. Eram gatos para ser vendidos a chefes de governo, para tudo correr muito azul debaixo das ordens deles.

O homem jogou tanta virtude em cima dos seus bichos asmáticos, que me senti humilhado. Não. Na verdade, eu não era digno daqueles gatos pretos. Não quis nem saber o preço de cada bicho. Devia ser negócio para me deixar vários meses em apertos, se o homem se decidisse a vender-me um só gato, em módicas prestações.

Esqueci as vantagens, (cem anos de vida! amores felizes!) e mandei o homem em frente, com sua mercadoria. E lá saiu, com os negrinhos de bigode, miando em suas mãos. Ainda falou que eu me arrependeria de não ter feito um grande negócio.

Vá ver que ele foi vender os dois sortilégios asmáticos a qualquer dono de restaurante, por uns mesquinhos vinte cruzeiros.



Berilo Wanderley.
Revista da Cidade - 06/01/58.

UNIVERSIDADE
POTIGUAR

coppe
coordenadoria de
pós-graduação,
pesquisa e extensão

Inscrições abertas para os cursos de Especialização da UnP

FORMAÇÃO DE GERENTES DE INDÚSTRIA - MBA . ADMINISTRAÇÃO GERAL . ADMINISTRAÇÃO DE MARKETING . ADMINISTRAÇÃO DE RH
DIREITO ADMINISTRATIVO . GESTÃO ESTRATÉGICA DE EMPRESAS . LEITURA E LITERATURA . MEIO AMBIENTE

Informações e inscrições

Campus Floriano Peixoto - Av. Floriano Peixoto, 295 - Fone: (084) 215-1118 - Fax: (084) 215-1109



Canto da Ima

Lagoa Seca

Eu tinha uma lagoa
Minha lagoa
Tinha peixinhos
Lagoa encantada
Tinha serpentes, duendes e fadas
Dos meus amores
Cheia de flores
De areia branca rodeada...

Lagoa encantada!

Maldade do homem
Debaixo da terra a lagoa se esconde
No negro asfalto ela foi sepultada

Inútil implorar
Inútil chorar
Vontade insana de tudo matar!

Ficou no ar
O canto triste
Da triste rola
"Fogo pagou"

"Fogo pagou, Fogo pagou, Fogo pagou,
A rolinha cantou
A lagoa secou
E o menino chorou..."

Se eu pudesse fazia
Um dilúvio de lágrimas
De líquida esmeralda
E no viço das águas
Espantando as mágoas
Eu enchia a lagoa

Como a pomba que volta
Trazendo no bico
A verde esperança
Esperança que voa
Renascendo a lembrança
Da pobre criança
Que num dia distante
Amou a lagoa...

"Fogo pagou, Fogo pagou,
Fogo pagou,
A rolinha cantou
A lagoa secou
O menino chorou..."

Geraldo Ribeiro Caldas



GDF



COLÉGIO E CURSO

Quem aprende não esquece

Av. Deodoro, 907 - Fones: 211-6607/211-0653
Av. Prudente de Moraes, - Fone: 222-7097

RN/ECONÔMICO

EMPRESA GRÁFICA/EDITORIAL

Serviços Gráficos
de Qualidade

Rua São Tomé 398 - tel.: (084) 211-4722fax: (084) 211-8763 - Centro - Natal- RN

Bairro de Lagoa Seca



" Natal. A lagoa Seca - 15-XII-28"

Foto: Mário de Andrade

Situado na Região Administrativa Leste, abrigando uma população de 8.578 habitantes (IBGE/1991) numa área de 59, 83 ha, o bairro de Lagoa Seca apresenta topônimo bastante antigo.

A 4 de abril de 1719 o cabo da Fortaleza dos Reis Magos, Belchior Pinto,

obteve do Senado da Câmara uma concessão de terras que abrangia a famosa Lagoa: "os oficiais do Senado da Câmara que este presente ano servimos nesta cidade do Natal, capitania do Rio Grande, fazemos saber aos que esta carta de doação virem, que a nós enviou a dizer por sua

petição por escrito o Sargento-Mor Belchior Pinto, cabo da Fortaleza da barra desta cidade, que ele tinha algumas criações de gado e pretendia fazer suas lavouras e não tinha terras em que o pudesse fazer comodamente senão nas terras do conselho; e porque entre estas ficava mais conveniente a



Instituto de Planejamento Urbano de Natal - Iplanat

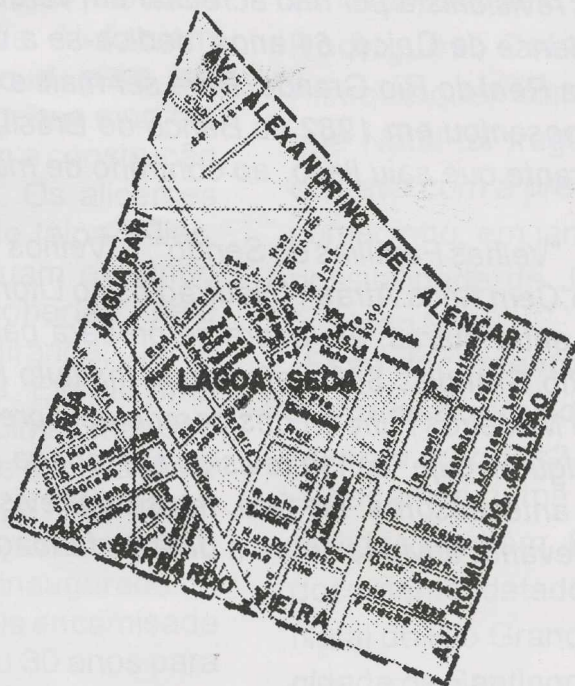
Rua Frei Miguelino 116 - Fone: (084) 211, 4808 fax: (084) 212-1394 - CEP: 59.012-180 - Natal / RN



paragem a chamavam a lagoa Seca, queria que em remuneração de seus serviços lhe concedêssemos a dita parte do Morro Branco pelo rumo que mais avizinhar a estrada onde queria plantar suas lavouras e criar suas criações".

No século passado a lagoa Seca, então orlada de guagirús e de outras plantas silvestres, era um dos arrabaldes mais visitados pela população natalense, bipolarizada nos bairros da Ribeira e Cidade Alta.

A partir de 1920 foi se formando uma população em torno da Lagoa Seca, tendo a Capela sendo inaugurada a 6 de setembro de 1931. Em 1935 foi inaugurada a Escola Mascarenhas Homem, a primeira do bairro. Seis anos antes, Lagoa Seca recebia o seu mais ilustre visitante: o escritor Mário de Andrade.



O Decreto-Lei 251, de 30 de setembro de 1947, sancionado pelo Prefeito Sylvio Pedroza oficializou o bairro de Lagoa Seca com os seguintes limites: "a divisa ao norte é o trecho da Rua Alberto Maranhão compreendido entre a Rua Jaguarari e Av. Rodrigues Alves. Prosseguindo pela Av. Rodrigues Alves rumo Sul, encontra a Rua Moreira Brandão e por esta rumo Oeste num pequeno trecho prossegue até a

Rua Romualdo Galvão. Segue por esta em direção ao Sul até a avenida Bernardo Vieira e, continuando por esta rumo ao Oeste vem encontrar a Rua Jaguarari. Prosseguindo por esta em direção ao Norte vem até a Rua Alberto Maranhão onde encontra o ponto de partida".

A Lei 4.327, de 05 de abril de 1993, promoveu o desmembramento do bairro de Lagoa seca e a criação do bairro Barro Vermelho.

João Gothardo Dantas Emerenciano
Sociólogo

Fontes

" Guia da Cidade de Natal", de J. A. Negromonte e Etelvino Vera Cruz, Natal, 1958; "História da Cidade do Natal", de Luis da Câmara Cascudo, 2ª edição, Rio de Janeiro; Civilização Brasileira; INL; Natal: UFRN, 1980; "Lagoa Seca e Morro Branco, "de Hélio Galvão, in Jornal "TRIBUNA DO NORTE" (05.05.71); "Seleta e Poesia", de Henrique Castriciano, 1ª edição, Natal, 1993.

Deputado

Valério Mesquita

1998

ano do centenário de Luís da Câmara Cascudo



VEREADOR

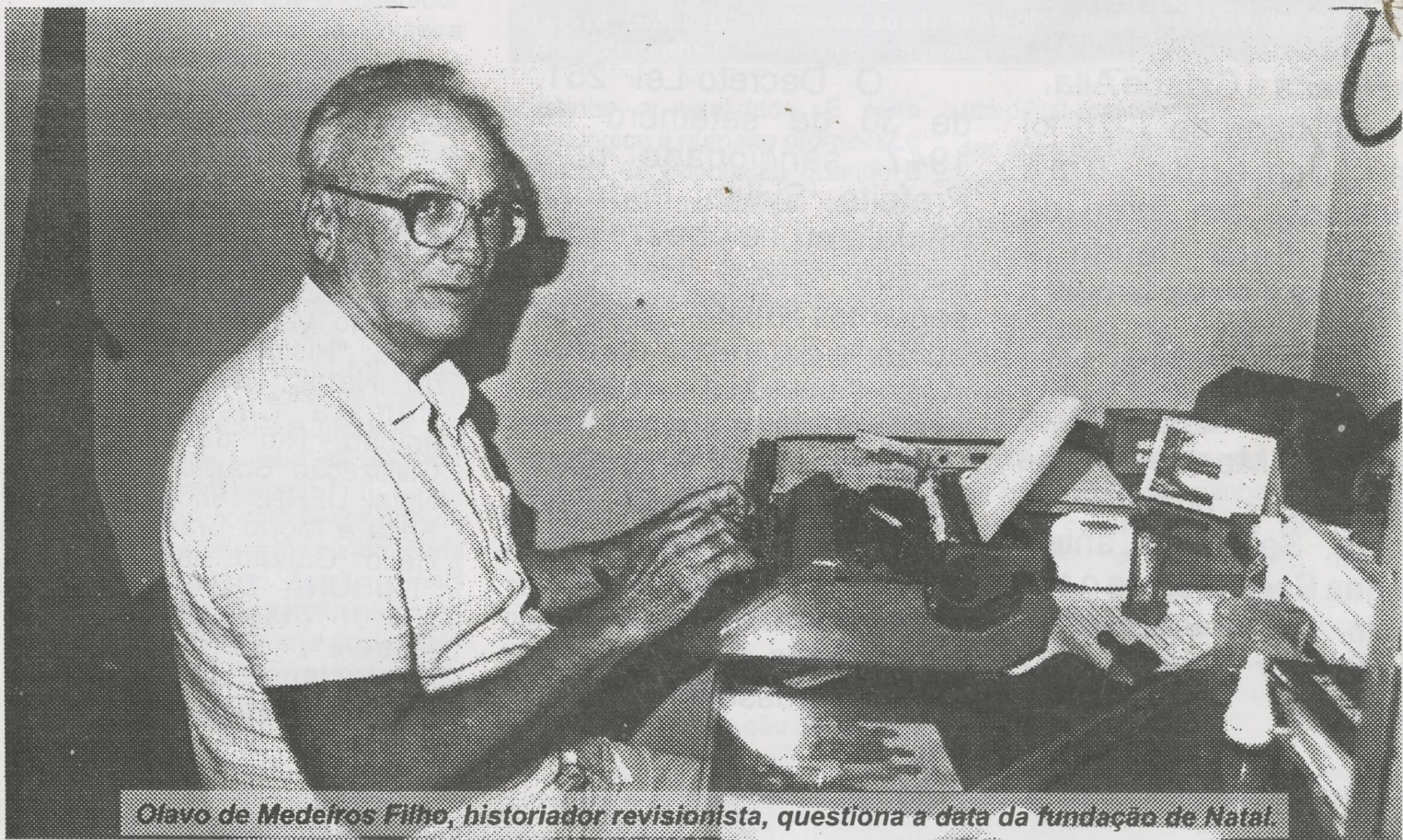
EMILSON

O MANDATO DA GENTE EM NOME DA CULTURA.

A história do Rio Grande contada

Considerado um historiador revisionista por não acreditar em verdades imutáveis, Olavo de Medeiros Filho, norte-rio-grandense de Caicó, 64 anos, dedica-se a vários anos ao estudo da colonização da antiga Capitania Real do Rio Grande. Para ser mais exato, passou a se dedicar às pesquisas depois que se aposentou em 1982 do Banco do Brasil, instituição à qual serviu durante 30 anos e de onde garante que saiu ileso ao contrário de muito colegas - porque não fuma e nem bebe.

Autor de obras como "Velhas Famílias do Seridó", "Velhos Inventários do Seridó", "Índios do Açú e Seridó", "Caicó, Cem Anos. Atrás", "Naufrágios no Litoral Potiguar" e "Aconteceu na Capitania do Rio Grande", entre outras, ele agora se prepara para lançar nesse mês "Os Holandeses na Capitania do Rio Grande". Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Olavo de Medeiros Filho é considerado pelo presidente dessa instituição, Enélio Lima Petrovich, como alguém cujo "senso revisionista" chega a conclusões divergentes das estabelecidas pelos seus antecessores. De fato, nessa entrevista a **Moura Neto** e **João Gothardo Emerenciano**, ele levanta dúvidas sobre a data da fundação de Natal. Veja trechos da entrevista.



Olavo de Medeiros Filho, historiador revisionista, questiona a data da fundação de Natal.

- Como e em que circunstância o Forte dos Reis Magos foi construído?

-A presença francesa na chamada Capitania dos Potiguares estava incomodando a coroa portuguesa, que havia fundada há poucos anos uma cidade na Paraíba. Quando os traficantes franceses que operavam na região se mudaram para o Rio Grande do Norte, o rei D. Felipe II, de Espanha, e também de Portugal, escreveu para o governador-geral do Brasil, Francisco de Sousa, pedindo que ele entrasse

em contato com o capitão-mor de Pernambuco, Manoel Mascarenhas Homem, e com o capitão-mor da Paraíba, Feliciano Coelho, para providenciarem a expulsão dos franceses. Esse episódio acabou conferindo a Mascarenhas Homem o título de capitão-mor da conquista do Rio Grande. A missão dele era tríplice: expulsar os franceses, levantar uma fortaleza e fundar uma cidade.

-Como aconteceu toda essa epopéia?

-Mascarenhas Homem desembarcou com sua

la por Olavo de Medeiros Filho

armada em 26 de dezembro de 1597, no local onde hoje é o Canto do Mangue. Ali fizeram uma paliçada de pau a pique para se protegerem do ataque dos indígenas e no dia 6 de janeiro de 1598 começaram a construção da fortaleza no seu local atual. Os alicerces eram de pedra e as paredes de taipa. Aliás, essas paredes de taipa continuam existindo até hoje. Elas foram descobertas pelo arquiteto João Maurício de Miranda, numa restauração realizada em 1963. Ele viu uma laje arrancada no terraço de cima, mandou arrancar essa laje, aprofundou a escavação e encontrou a velha parede de taipa fossilizada. Resumindo: a fortaleza é a mesma desde o início, apenas foi feita de taipa, inaugurada no dia de São João de 1598 e depois encamisada ou seja, vestida de pedra. Levou 30 anos para ser concluída definitivamente.

-Quantas restaurações foram realizadas ao longo desse tempo?

-É incalculável. A fortaleza viveu eternamente em obras.

-Como era a costa do Rio Grande naquela época? Quem eram os donos dessas terras?

-Os potiguares, que eram tupis e vinham desde o rio Paraíba até às proximidades de Touros. No início mesmo da colonização existiam também os tremendés, estabelecidos logo depois de Touros. No entanto, eles foram logo afastados pelos portugueses. No sertão havia os tapuias, impropriamente chamados de cariris hoje em dia, contudo, se sabe que eles não tinham nada a ver com cariri, falavam outra língua completamente diferente.

-O sr. encontrou em suas pesquisas alguma coisa que contraria a historiografia oficial?

-O historiador pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello encontrou no arquivo de Simancas, na Espanha, um documento importantíssimo, muito pouco divulgado aqui no Rio Grande do Norte. Chama-se "Relação de Ambrósio de Siqueira (1605), da Receita e Despesa do Estado do Brasil". Ambrósio era o provedor-mor do Brasil e nesse documento tem a contabilidade de tudo que foi aplicado no Rio Grande do Norte entre os anos de 1598 a 1605. Através dessa prestação de contas,

verificamos que o primeiro capitão-mor foi João Rodriguês Colaço e não Jerônimo de Albuquerque, como se dizia. Mostra também que Natal foi freguesia (unidade religiosa, que contava com a presença de um vigário) desde o comecinho, em janeiro de 1598. Enfim, afasta a possibilidade de Jerônimo de Albuquerque ter fundado Natal.

-Esse documento é esclarecedor em relação a alguns pontos da nossa história ou também levanta dúvidas?

-Chegamos numa questão importante. Levanta dúvidas também. O nome Natal só aparece em documento datado de 1614, como cidade do Natal do Rio Grande. Antes disso aparece como cidade de Santiago, em 1602, e cidade dos Reis, logo em seguida. Isso realmente vem lançar a dúvida se Natal teria sido mesmo fundada na noite de Natal de 1599. Para dirimir essa dúvida, proponho que seja enviado a Simancas um pesquisador para ver se encontra a documentação sobre a fundação de Natal. Se na relação de Ambrósio Siqueira havia a contabilidade da Capitania do Rio Grande, é possível que a parte política esteja também no mesmo museu. Por que Natal teria se chamado Santiago? A cidade de João Pessoa foi chamada de São Felipe, um dos padroeiros de Espanha. E a cidade imediatamente fundada depois dela foi Natal e pode ter se chamado Santiago porque este era o outro padroeiro de Espanha. E pode igualmente ter se chamado cidade dos Reis em homenagem à fundação da fortaleza em 6 de janeiro de 1598 ou então por ter sido fundada em 6 de janeiro de 1600. O ideal é que essa dúvida seja elucidada antes das comemorações dos 400 anos de fundação da cidade.

-Quais foram os verdadeiros vilões e heróis da colonização do Rio Grande?

-Não existem heróis nem vilões. A História não tem moral. Vence quem tem mais força. Não podemos dizer que o holandês ou o francês era ruim. Cada qual estava cumprindo seu papel.

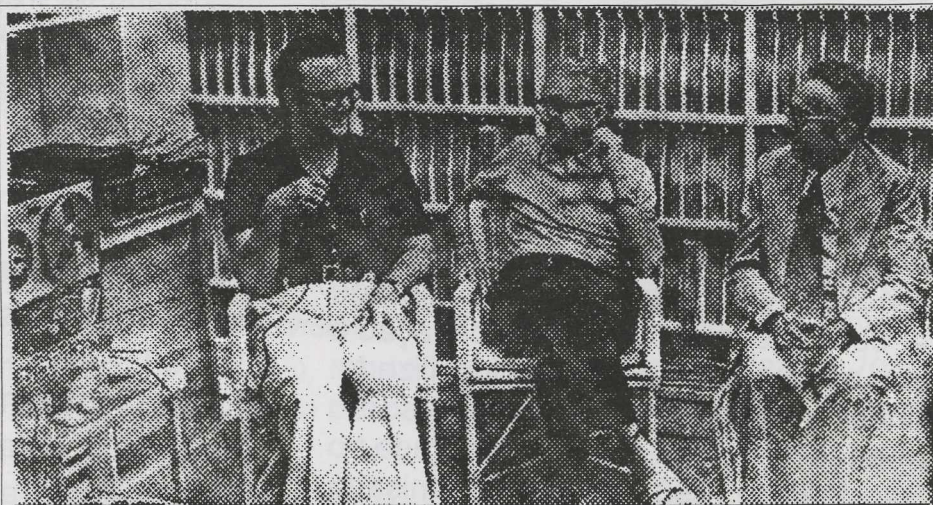
O imposto sobre os solteiros e a Música Popular Brasileira

Ao contrário do que ocorre nos dias de hoje quando, embora atingindo preceitos e normas tradicionais da Igreja, procura o Brasil, nação católica, unir-se ao grupo das que promovem o controle da natalidade, tivemos em certa época, em nosso país, a oficialização do incentivo à natalidade, com o chamado "imposto sobre os solteiros".

A medida, lançada pelo Presidente Getúlio Vargas em 1932, era talvez inspirada no que acontecera, alguns anos antes, na Europa. Sabe-se que o Imperador Guilherme II, antes da Primeira Guerra Mundial, incentivava a fecundidade da mulher alemã além de premiar os casais que dessem à pátria muitos filhos varões. Era uma atitude militarista copiada, em seguida, pelo governo francês que, num esforço comum, pretendia criar um imposto sobre os homens que fugiam à responsabilidade de um lar.

Quando a notícia do imposto sobre os solteiros chegou aos jornais, inclusive glosada por caricaturistas, dizia o escritor Humberto de Campos:

"Um imposto dessa ordem, na hora presente do mundo, seria positivamente, no Brasil, a mais irracional e injustificável das imitações. Qual a sua finalidade? Aumentar o número de casais legalmente constituídos. Qual a finalidade do casamento?



O Prof. Grácio Barbalho, na sua famosa discoteca, com os amigos Aldo Medeiros e Gumercindo Saraiva

Aumentar a natalidade. E seria acaso lógico e humano promover o aumento da população quando o mundo inteiro se debate na mais espantosa das crises, originada pela quantidade de desocupados que enchem a cidade e os campos?

E ainda:

"Há trinta ou quarenta anos o imposto sobre os solteiros ainda se justificaria pela necessidade de proteção à mulher cujo pão era conquistado pela mão de um homem. Hoje porém essa justificação desapareceu. A mulher não mais precisa do homem para orientar-se economicamente na vida".

É curioso observar que essas palavras não são de hoje e é

até difícil acreditar que pudessem ser ditas há mais de meio século, retratando a antecipação de graves problemas sociais em nosso meio.

Vejam agora como o incentivo ao casamento prossegue, conforme o registro dos nossos compositores. Em junho de 1933 o sambista Luiz Barbosa, o introdutor do chapéu de palha nos acompanhamentos, lançou o samba "Adeus, Vida de Solteiro". A composição, da autoria de Mário Travassos de Araújo, é aquela que a música popular registra como consequência imediata da medida criada pelo governo:



DINÂMICO

O Cursinho de Cara Nova

20 anos de experiência

Rua Apodi- Cidade Alta - Fone: (084)222 - 0992

"Eu juro que nunca pensei
Que para ser celibatário
Tinha que ter numerário
Para vida de solteiro bem gozar
Muita gente que tem o seu encosto
Na cortina deve a ele se agarrar
Se não quiser pagar imposto
Ou então fechar os olhos no futuro
E se casar..."

Quatro anos depois o cerco prosseguia, sendo anotado por duas marchinhas do carnaval de 1937. Uma delas, do compositor André Filho gravada pela cantora Aurora Miranda, mostrava ainda um pequeno reforço à medida: o anúncio de casamento através da imprensa:

"Se a moda pega
De casar pelo jornal
Onde estão as costureiras
Pra fazer tanto enxoval

I
Atualmente
Só não casa quem não quer
Até as velhas solteironas
Vão casar se Deus quiser

II
Moços e velhos
Muito embora a contra gosto
Todos eles vão casando
Para não pagar imposto.

A outra, lançada pelo cantor Déo dizia:

"Eu sou celibatário
Não pretendo me casar
Não estou para amanhã
A filharada me aturar
Ouvir "papai", "Mamãe" "Vovó"
Dorme meu filhinho
Có, có, có, có, có, có, ró, có

Eu sou bem feliz sem pensar em me casar
Eu sou bem feliz sem pensar na união
Podem dizer que estou em falta com a nação
Patriota, sim. Idiota, não"

Se fosse feita para o carnaval do ano seguinte, já

na vigência do Estado Novo, poderia esta marchinha sofrer o crivo da censura.

Ainda em 1940, um dos sucessos do carnaval desse ano mostra que a temática não está esquecida:

"A vida de casado é boa
Mas a vida de solteiro é melhor
Solteiro vai pra onde quer
Casado tem que levar a mulher"

É sabido que, na época, muitos desvirtuavam os últimos versos desse estribilho musical cantando:

"Solteiro vai pra onde quer
Casado leva a mulher se quiser"

Este samba não mais registra a correlação entre a natalidade e as normas do Governo. Não deve entretanto ser esquecido o samba de Ataúlfo Alves, lançado quase dois anos depois (outubro de 1941) onde o aumento da população em nosso país ainda é citado como prioridade, chegando a receber prêmio:

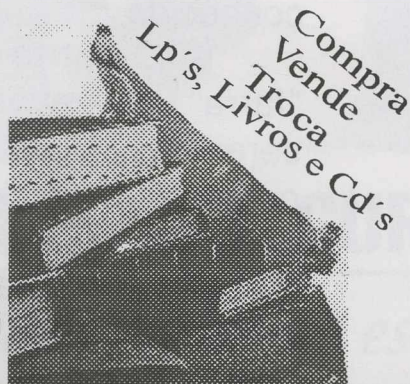
"O Estado Novo veio para nos orientar.
No Brasil não falta nada
Mas precisa trabalhar
Tem café, petróleo e ouro
Ninguém pode duvidar
E quem for pai de quatro filhos
O presidente manda premiar
-É negocio casar..."

Alguns meses depois, já o Brasil em guerra, iniciando os preparativos para o envio de um selecionado contingente expedicionário, o tema abordado pela nossa música popular desaparece do cenário. "Solteiros e Casados" cedem lugar a outras assinalações.

Hoje, se ainda existisse, como no passado, a abordagem de temas sociais pelos nossos compositores um assunto preferencial seria certamente o controle da natalidade. É de supor, entretanto, que a sátira carnavalesca não iria prevalecer, esvaziada ante a perspectiva sombria do que poderia ocorrer, no futuro, com o super povoamento da terra.

Grácio Barbalho

**SEBO
CATA
LIVROS**



Rua da Conceição, 617 - Cidade Alta - Rua Vaz Godim, 86 - Cidade Alta

Saint Antoine Restaurante

O cardápio é variado e com
muita salada ao gosto da
deliciosa "COMIDA CASEIRA"

So paga o que come



Rua Santo Antônio, 651 (Entre o convento Santo Antônio e a antiga Catedral)

Os Cafés de Natal



Rua Ulisses Caldas na década de 30:
a esquerda o prédio da Prefeitura Municipal, e a direita o Café ABC

Para se fazer uma idéia da vida, da vibração, do movimento da Natal antiga, não é preciso mais do que reviver a alegria e a organização dos cafés daquela época.

E basta que se dê uma relação desses cafés, todos eles fazendo apurados, compensando o trabalho dos proprietários, divertindo o povo; confortáveis, "chamando" os fregueses, fazendo questão de tratar fidalgamente, competindo entre si na excelência das iguarias, no sabor do "café", no conforto do povo.

O registro abaixo, anotando os principais cafés de Natal, talvez não esteja completo, mas é bem aproximado.

Na Ribeira:

Na atual Travessa Aureliano:

O Café Chile - (o primeiro café de Natal).

Na Av. Tavares de Lira:

O Bar Antartica, depois

Cova da Onça;

O Bar do Oscar Rubens ;

O Anaximandro;

O Aero Bar;

O Bar do Internacional;

O Gato Preto;

O Café Esporte;

A Rotisserie, depois O

Anaximandro, hoje A

Cristal;

O Benedito

Na Dr. Barata:

O Benedito;

O Café Globo, de Luís de

Barros, ainda existente

O Bola de Ouro (bilhares)

O Anaximandro, bilhares, restaurante e bar.

Na cidade alta:

Na Ulisses Caldas:

A Potiguarânia, depois

Magestic ;

O Roial, com bilhares e bar

O Café ABC

O Taco de ouro

Na av. Rio Branco:

O Bilhar Rio Branco de

Cussi de Almeida, com

uma pianola, tocando

discos de rolos de papel

O Bar do João Felismino

O Café Avenida, depois

Grande Ponto

Na João Pessoa:

O Café de Andrade

O Café Maia (atual Dois

Amigos)

Na Praça João Maria:

O Breu (Hotel e Bar)

O Café de Serrano

Antecedendo a época desses cafés, pode-se registrar ainda: o Bilhar de Moura, na Tavares de Lira e o "Oco", na Felipe Camarão.

O "Oco" não seria propriamente um Café, senão na classificação de CAFÉ como ponto de reunião e de alegria.

O "Oco" vendia café, pão, bolachas, lanches de frios, bebidas, etc.

Localizado num prédio modestíssimo, tinha em frente uma timbaubeira centenária, de tronco colossal. Árvore já velha, cansada do tempo, o seu tronco foi se corroendo, formando um oco, que tinha espaço capaz de comportar quatro homens de pé. Daí o nome do "café" - Café do oco, ou simplesmente: "O Oco".

Duvido mesmo que haja em Natal qualquer pessoa de mais de 40 anos que não o tenha conhecido.

Ali, juntava-se a "farra", iniciavam-se as serenatas, idealizavam-se os passeios domingueiros, as festas, os bailes.

Ali, festejava-se o aniversário dos amigos, bebiam-se os "groggs", tomava-se a "pinga".

A "turma" dos violões morava lá.

O oco atravessou o tempo, vitorioso como as idéias felizes; oportuno, como os pensamentos bons; necessário, como todos os motivos de alegria daqueles tempos saudosos.

E, por feliz coincidência, solidário talvez com a planta que lhe dera o nome, veio morrer com a derrubada da árvore, já cansada de abrigar "farristas", durante anos a fio, sob a sua copa volumosa e sombria...

Porém não é o número de cafés que iria influir como prova da vivacidade e da vibração de uma época. O que é de ressaltar aqui era a freqüência, a convivência instrutiva que se encontrava neles, numa organização seleta - as **classes**, divididas espontaneamente - os "iguais", com os seus "pares"; os de condições sociais mais modestas, na

sua "classe", formando outro **conjunto**, dentro do **conjunto geral**, sem imposição de lei - como coisa natural, espontânea - como se pudesse conseguir uma "separação", dentro de um "todo"...

É difícil explicar, mas era assim a organização dos cafés, em Natal. Parece que o povo era mais egoísta, desde que se empregue esta palavra, não como presunção, mas, apenas, traduzindo amor próprio.

O pobre tinha o egoísmo de ser pobre e não iria imiscuir-se com os ricos, para não dar o cabimento de parecer "igual"...

Porém essa condição limitava-se, apenas, a separar o "rico" do "pobre". E rico seria considerado todo aquele que usasse gravata; e pobres seriam somente aqueles que não usassem sapatos.

Porque, e principalmente, essa distinção, longe de designar situações financeiras, limitava-se à decência, ao

comportamento, à educação e ao meio social do indivíduo.

E este pobre, ao julgar-se diferente, dentro do seu próprio egoísmo, não iria procurar imiscuir-se num "meio" onde ele próprio sabia que não seria aceito.

Daí, a facilidade desta distinção natural, que se notava em todos os "cafés", entre as diferentes classes sociais, todas elas freqüentando os mesmos "cafés", mas, moralmente separadas entre si, dentro do conjunto.

E esta "organização" popular, natural, sadia, velada e cumprida fielmente, foi a causa principal, a razão impoluta da trajetória vitoriosa dos "cafés de Natal".

João de Amorim Guimarães.

Transcrito do livro
"Natal do Meu Tempo".
Natal, 1952.

"Beleza é fundamental"

O tratamento ideal
que seus cabelos
e pele merecem,
feito por excelentes
profissionais.



O resto é bonitinho...



Desconto de 20% nos serviços de
Química, durante o mês de abril.

Av. Duque de Caxias, 110 - Ribeira - Tel.: (084) 212-1655.

DOCE PRESSENTIMENTO

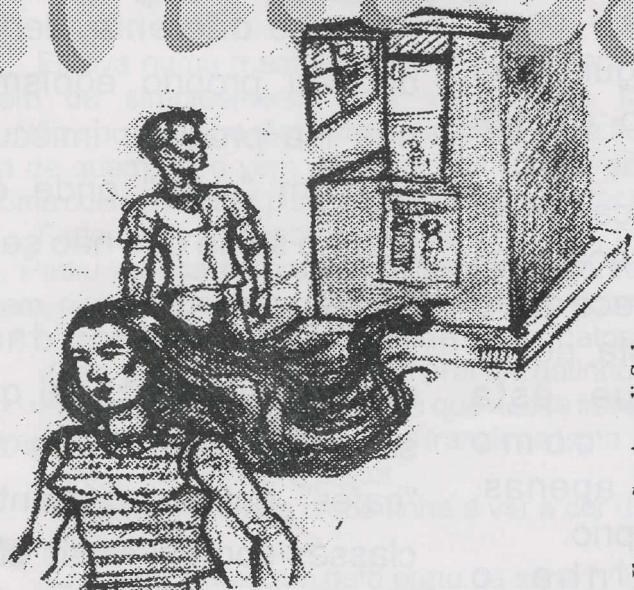


Ilustração: Arandi Sales

Na alfaiataria teve um estranho estalo, já perto da hora de largar. Avisou ao Raimundo, sempre irreverente, que iria pedir ao Agenor para ir embora e Raimundo perguntou se ele notara a blusa de Ceci, naquele dia.

-Beleza, Antonio. Uma lindeza! Uma blusinha assim, bem, bem...

-Tá certo, Raimundo. Amanhã cê me diz. Vou falar ao Agenor pra ele me dispensar esses minutinhos que faltam e vou-me embora. Tou meio esquisito hoje.

-Bebesse ontem?

-Nada, nada. É só uma dorzinha de cabeça. Nada mais. Mas, incomoda, e vou me imborar?

Agenor olhou assim de lado, costurando o paletó do comendador e disse que nunca ouvira falar que pressentimentos fossem razão para se sair mais cedo do trabalho. Contudo, poderia ir. Poderia ser alguma gripe.

-Agora, tem uma coisa. Vá pra casa, direto. Nada de bares.

-Pode deixar. Ando meio adoencado. Num se incomode que num tou brincado. E vou mesmo, direto.

-Tomara!

Ao deixar a alfaiataria, encaminhando-se para a parada de ônibus, teve de novo a impressão esquisita. O tempo estava chuvoso e ele não se dava com tempo frio. Arrochava-lhe uma dor no joelho esquerdo, bem embaixo da rótula.

Nessas horas, a mulher lhe dava uma massagenzinhas, os dois supondo aquilo fosse reumatismo que, embora doença de velho, poderia tê-lo pegado já. E ela esfregava-lhe a perna, para cima e para baixo, e naquele esfrega-esfrega terminavam se agarrando e ele perguntava: "Qués queu bote?" e ela respondia: "Bote".

Apanhou o ônibus e acautelou-se num lugar à janela e, perto de casa, levantou-se num solavanco e enganchou o bolso do paletó num parafuso do ônibus, rasgando-o pela metade, embora já estivesse descosido em parte. Saltou.

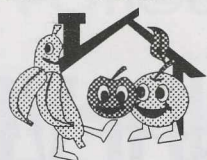
No fiteiro perto de casa passou uma vista nas manchetes dos jornais: crimes, acidentes, guerras no mundo, corrupção e, nos cadernos; sociedade, festas e reuniões econômico-financeiras.

Pelo canto do olho deu com uma morena subindo a calçada, envergando vestido de seda com bolotas estilizadas, verdadeiro tubinho. E passar por ele. Esticou o olhar e se virou para vê-la melhor, acompanhando todo o rebolado e vivendo todos os balanceios. Suspirou. E aí, já que estava por acolá, deu uma esticadazinha de nada ao bar do Ferdinando.

-Quequiá, Antonhe. Qué que vai hoje?

-Uma cervejinha, viu Ferdinando? O

Ki-tanda



FRUTAS, VERDURAS, CARNES,
MEL DE ABELHA E ENGENHO,
OVOS CAIPIRA, GALETO, PRODUTOS DO SERTÃO,
FRIOS, BISCOITOS E DOCES CASEIRO

Av. Antonio Basilio, 2705 - Lagoa Nova-
Tel.: 206 - 5612 - Natal - Rio Grande do Norte

CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917 / 981-2085

calor tá aparecendo.

-E eu num sei?

-E não faz mal a ninguém. Faz até é bem sabia? Tem uns cientistas americanos aí, que descobriram que todo atleta deve tomar uma cervejinha, todo dia, antes dos exercícios. Uma cervejinha, não, corrijo. Um copo, pelo menos! Incendeia os neurônios e é estimulante pra cacete. Tem malte, lúpulo. Dá alma nova.

-É verdade.

Quando tomou o primeiro gole cismou. Com quanto de dinheiro estava se comprometendo? Pouco. E deixou para lá e se lembrou do pressentimento. Coisa mais engraçada! Será que já tivera aquilo antes? Não se lembrava nem ia contar ao Ferdinando, porque se não vinha com suas histórias compridas até de manhã. E ele precisava chegar em casa logo.

E tomou destino. Agora sim. Direto. Dobrou a esquina, saudável o tempo chuvoso. Feliz, preocupado, aborrecido ou seja o que fosse, porém perto de casa.

-Será que a mulher lhe pedira para comprar alguma coisa? Azeite, açúcar, brioche? Não, não. Brinquedos para os meninos? Não.

Certo de que tudo estava em ordem e jogando para longe aquelas reclamações do tipo se "Você vive pensando só nessa alfaiataria, nem presta atenção ao que lhe digo", acercou-se do portão.

E o tal pressentimento continuava.

Excesso de trabalho? Preguiça? Doença? Estafa? Forçou o portão velho, enferrujado e ouviu pisadas saindo da sala, atravessando a área.

-São Antonhe, são Antonhe!

-Quequiá, Dulce? Que danado de assombro é esse, mulher?

-É a patroa! A patroa!

-Laura? Qué que houve com ela?

-Qué que houve, home? Ela descansou. Tá na maternidade. Foi um aperreio se arranjar carro, se arumar tudo, na hora. Foi sozinha, a bichinha! Quer dizer: foi com dona Maria-de-são-João, só pra constar. E foro com a roupa do corpo.

Fez que ia e ficou, ficou e fez que ia. Rodopiou no mesmo canto, apalermou-se.

-E os meninos?

-Os bichim foro pra casa de tia Vina.

Toca, toca, toca pra rua. Pra maternidade.

Ao procurar um carro de praça, caiu aquele temporalzinho de nada que vinha lhe ameaçando desde a saída da alfaiataria e enquanto ia se ensopando de felicidade, aparando água com os lábios, escorrendo pelo rosto, viu-se o homem mais rico do mundo. Uma felicidade grande, grande como uma baleia dessas grandes, lhe enchia o corpo de saúde, esguinchando tristezas por cima do coração.

Afrânio Pires Lemos.

Escrito em agosto de 1956.

Inserido no livro INAUDITO, publicado em outubro de 1957

Depurado em novembro de 1997.



Cozinha regional - os melhores petiscos da cidade

Funcionando de 2^a a 6^a feira

Shopping Ladeira 878 - Av. Rio Branco, 878, Centro



EMSERV

Empresa de vigilância e Transporte de Valores Ltda.

**Av. Campos Sales, 682 - Tel.: (084) 211 4955 - Natal/RN
Rua Epiácio Pessoa, 527 - Bom Jardim - Mossoró/RN**



No seu caminho
sempre tem



**DISK
SANDWICH**
236-2667
202-2109

Segunda abre de 16:00hs até 1:00h
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00hs da manhã
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs.

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis
Estrada de Ponta Negra, 9090
Via Direta Outlet Shopping - Loja J4